

CARTOGRAFIAS DE GÊNERO: LÉSBICAS, MÃES E “BOFES”, SUBVERSÕES DO FEMININO

Rosângela de Araujo Lima

Doutora em Sociologia (UFPB); Mestre em Educação (UFPB); Especialista em Sexualidade Humana (UFPB); Psicóloga (UFPB); Professora Adjunta Aposentada UNINASSAU; Doutoranda em Psicologia Clínica (UNICAP) – PE/PB, psirosa@gmail.com;

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

Professor orientadora: Doutora - UNIVERSIDAD DE DEUSTO (1999). Professora adjunto IV da Graduação em Psicologia e da Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco- PE, crisamaz@gmail.com.

Resumo

Apresenta-se no escopo desse trabalho uma análise dos constructos de gênero sob a perspectiva do feminismo pós-estruturalista e da Teoria Queer. Parte-se da desconstrução de uma possível essência feminina que à priori seria incompatível com uma vivência lésbica, materna e sexualmente ativa. O objetivo geral é o de analisar os constructos performáticos de mulheres lésbicas a partir de suas variadas sociabilidades. Advoga-se que mulheres que tiveram uma vivência heteronormativa e romperam com a mesma, abrigam em si diversas identidades, tais como: De Mãe, Lésbica, Bofe. A metodologia escolhida é Autobiografia. Apoia-se teoricamente nos pressupostos de Foucault (1993), Butler (2017; 2019) Preciado (2017), dentre outros autorxs. Esse texto dará visibilidade a outras e variadas formas de vivência lésbica. Conclui-se que no que se chama lesbianismo existe uma gama multifacetada de performances existenciais que vão além de concepções reducionistas de ordem biologizante.

Palavras-chave: Teoria Queer, Lesbianismo, Autobiografia, Gênero.

INTRODUÇÃO

Esse artigo versa e tem como proposta central desconstruir a luz do pensamento pós-estruturalista e da Teoria Queer uma possível essência feminina que à priori seria incompatível com uma vivência lésbica, materna e sexualmente ativa. A partir da compreensão que o sujeito pós-estruturalista apresenta em si muitas e inúmeras identidades, umas que podem, aparentemente, ser antagônicas a outras, tais como as que cito inicialmente.

Falar da sexualidade humana é mergulhar nas verdades construídas pela racionalidade instrumental da modernidade a qual concebe o indivíduo como possuidor de um núcleo adquirido ao nascer, e que permanece ao longo de sua existência, essencialmente o mesmo, o qual se constitui das capacidades da razão. Este é um indivíduo unificado interiormente e ao núcleo racional, permanente e estável, denomina-se identidade. Cada indivíduo apresenta-a de forma constante, estável e fixa por toda a sua vida. É soberano no seu pensamento, consciente e situa-se no centro do conhecimento, o que conduz à máxima de René Descartes: “Penso, logo existo”, apud Stuart Hall (2002, p.27). Daí ser chamado de sujeito cartesiano.

Michel Foucault (1993) questiona não só a existência desse sujeito, como também denuncia os mecanismos e práticas discursivas que o constituem, assim como a tipologia psicológica construída pela medicalização da sexualidade humana. Ao inverso de muitos estudiosos¹ (que advogam o estabelecimento de uma moral sexual repressiva, a partir do final do século XVIII, consolidando-se no século XIX), Foucault (1993) desconstrói a hipótese repressiva e (re) elabora uma leitura do período vitoriano, em que a sexualidade foi não só criada a partir de práticas bem articuladas de poder/saber/prazer, como também o discurso sobre sexo nesse período foi prolixo e objetivou constituí-lo como um problema.

A ciência sexual ocidental, incentiva o falar, o dizer, o perscrutar, pois há a concepção de que, ao verbalizar seus mais secretos desejos,

1 Wilhelm Reich em “Psicologia das massas do fascismo” (1988) e Herbert Marcuse em “Eros e a Civilização” (1981).

pensamentos e sensações, será descoberto algo alheio, muitas vezes, ao próprio indivíduo, pois:

O sexo é dotado de um poder inesgotável e polimorfo. O acontecimento mais discreto na conduta sexual – acidente ou desvio, déficit ou excesso – é supostamente capaz de provocar as consequências mais variadas (...) Sim, porque o funcionamento do sexo é obscuro (...) porque seu poder causal é, em parte, clandestino” (FOUCAULT, 1993, p. 64-65).

Nos anos 1970, críticas feministas, a exemplo de Gayle Rubin em seu emblemático texto *O Tráfico de Mulheres* (1975), dão um salto qualitativo na discussão da assimetria sexual entre homens e mulheres ao denunciar a não essencialidade dos conceitos de sexo, gênero e sexualidade, concebidos como essencialmente biológicos, tanto por feministas de corrente teórica liberal e radical.

Rubin (1975) denuncia a heterossexualidade obrigatória e compulsória, apoiando-se na análise do antropólogo Lévi-Strauss sobre a organização social dos sexos e advoga, então, que o gênero é uma divisão de sexos imposta socialmente; sua construção se dá pela supressão das semelhanças naturais, tendo como consequência imediata, a divisão sexual do trabalho de forma a garantir a simetria da dependência de um sexo por outro.

De modo que identidades que aparentemente são contraditórias, podem e são acolhidas e compreendidas a partir de uma desconstrução da política identitária.

Na minha vivência como mulher, como mãe, como lésbica, como psicóloga, como docente, encontro outras mulheres, que tais como eu, que quebram os estereótipos de gênero e de essencialidade feminina e elaboram outras cartografias e performances existenciais, não apenas em relação à sexualidade, como a outras esferas da vida, tais como econômicas, profissionais, afetivas.

Também identifico que tais mulheres são por vezes mal compreendidas por outras lésbicas e também profissionais da Psicologia, que as procuram “enformar” em novos modelos essencialistas. É a partir dessas inquietações e indagações, que me motivo a cursar um segundo doutorado para mergulhar nessa temática.

Desse modo percebo a importância de responder a seguinte problematização: Quais constructos performáticos mulheres lésbicas vivenciam a partir de suas variadas sociabilidades? Advogo, pois, que

mulheres que tiveram uma vivência heteronormativa e romperam com a mesma, abrigam em si diversas identidades, tais como: De Mãe, Lésbica, Bofe², sendo que essa última característica possa advir da vivência no casamento heteronormativo e sua assimetria de gênero.

Opto por uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, é relevante destacar que a etnografia é uma estratégia que informa o trabalho de pesquisa, rica para o estudo dos processos e interações sociais, das práticas e das representações. Possibilita por todas as suas características, acessar a complexidade, a singularidade, a “arte de fazer,” como diz Certeau (1994), que constituem as atividades diárias das pessoas.

Para obter as respostas e atender aos objetivos formulados, apresento os seguintes passos metodológicos Realizar uma Autobiografia, posto que o autorrelato pode ser tomado como um locus privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária. Os métodos biográficos nas ciências sociais, na psicologia social contemporânea e na psicanálise, por exemplo, operam neste interjogo entre a privacidade de um sujeito e o espaço sócio histórico de sua existência, seja ampliando a compreensão dos fenômenos sociais e grupais, seja fazendo emergir um sujeito capaz de recontar a narrativa sobre si mesmo, na clínica (CARVALHO, 2003).

Objetivos

- GERAL: Analisar os constructos performáticos de mulheres lésbicas a partir de suas variadas sociabilidades.

Específicos:

- Apresentar a construção histórica do conceito de Sexualidade Humana e Gênero;

2 Bofe- No linguajar lésbico, diz-se da mulher que é sexualmente ativa na relação homoerótica, daquela que tem características masculinas, lésbica ativa, “Mulher de Pegada”.

- Contar a autobiografia da pesquisadora enquanto mulher de vivência lésbica.
- Relatar a luta histórica de mulheres de vivência lésbica por visibilidade social.

Metodologia

Investigar a realidade social descortina-se como uma gama de opções em que se agrupam várias formas de construir o conhecimento. Todavia, quaisquer que sejam as opções investigativas, assentam-se a partir da cultura em que se insere o/a pesquisador (a), na qual a linguagem ocupa lugar preponderante na construção epistemológica. Meu objeto de estudo é o comportamento social e sexual de mulheres que tiveram uma vivência heteronormativa e romperam com a mesma, experienciando, então, uma “identidade” lésbica. O norte deste trabalho é compreender como está constituído e construído o cotidiano dessas mulheres.

Opto por uma escrita autobiográfica, posto todas as dificuldades e processos excludentes que me deparei não apenas por ter assumido uma vivência lésbica e rompido com a heteronorma, mas por ser mãe e muitas vezes ter sido questionada quanto a minha capacidade em exercer minha “maternidade”, como também por não corresponder aos constructos *Butch Femme*.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos e da problematização: Quais constructos performáticos mulheres lésbicas vivenciam a partir de suas variadas sociabilidades? Pois advogo que mulheres que tiveram uma vivência heteronormativa e romperam com a mesma, abrigam em si diversas identidades, tais como: De Mãe, Lésbica, Bofe.

Referencial teórico

O conceito de gênero foi/é elaborado na esteira do movimento feminista contemporâneo; tratar daquele implica, necessariamente, tratar deste. A invisibilidade feminina na história, suas poucas oportunidades nos espaços públicos, econômicos, sociais e políticos instigaram as críticas feministas à elaboração deste conceito, o qual se apresenta pouco coeso, múltiplo, como o próprio movimento feminista que lhe deu origem. De acordo com Joan Scott (1990), as abordagens utilizadas pelas feministas na análise de gênero situam-se em torno

de uma teoria do patriarcado, por uma leitura/interpretação marxista e através de algumas escolas psicanalistas norte-americanas ou francesas (essas últimas ligadas a Jacques Lacan). Todavia Scott (1990) vai além das supracitadas abordagens e advoga que o gênero implica em quatro prerrogativas: os símbolos disponíveis, os conceitos normativos, a noção de política e a identidade subjetiva.

Para a mulher de vivência lésbica os símbolos disponíveis a encerra e conforma em compreensões e proposituras reducionistas e míopes. Quanto ao segundo ponto, os conceitos normativos, adquiridos através do simbólico, cristalizam-se em oposições binárias, estabelecem muito claramente, a partir dos constructos do par binário Masculino e Feminino, e finda por assinalar comportamentos e condutas de homens e mulheres, respectivamente, como também de mulheres de prática Heteroerótica e homoerótica, de modo a estabelecer, mesmo fora da Norma Heterocêntrica, o que compete e não compete a uma “lésbica”.

O terceiro ponto levantado articula sobre o uso de gênero para legitimar o obscurecimento da participação feminina em movimentos históricos os mais diversos, apagando quaisquer formas de participação política feminina, ou no mínimo, reduzindo-as significativamente. O quarto ponto e sua argumentação, a questão da identidade subjetiva trata das muitas variáveis como raça/etnia, orientação sexual, religião. Sandra Harding (1993), ao problematizar o sistema sexo/gênero, denuncia a instabilidade, fragilidade e fluidez das diversas identidades com a presença de indivíduos que frequentemente cruzam as bem montadas fronteiras do discurso moderno sobre o assunto, o qual concebe uma linearidade entre identidade de gênero e identidade sexual.

A Psicologia é desafiada a formar profissionais que aprendam essa fluidez, desapeguem-se de antigos preconceitos e exerçam um fazer e cuidar psicológico inclusivo e distante de propostas essencialistas; a compreensão que somos expressões culturais, que a construção social é de importância ímpar no comportamento dos indivíduos é uma necessidade premente para profissionais da Psicologia. Sobretudo no que se refere às performances e vivências sexuais, as quais a medicina oitocentista denominou de Sexualidade Humana. Foucault (1993) adverte:

A sexualidade foi defendida como sendo, “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções

terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos (...) a história da sexualidade – isto é, aquilo que funcionou no século XIX como domínio da verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos (FOUCAULT, 1993, p.67).

Sob essa perspectiva, então, é a que defendo neste projeto, a sexualidade humana é uma construção linguística discursiva de um determinado momento histórico e cultural da sociedade ocidental. A grande questão é que as verdades erigidas, sobre este construto, continuam intocadas em muitos dos seus aspectos mais significativos.

Muito embora se tenha caminhado significativamente na apreensão dessa concepção sobre a sexualidade humana, é possível identificar que no constructo do que é uma mulher lésbica, vêm entendimentos que outras identidades não lhe são possíveis e ou cabíveis. De certo modo, há um engessamento dessa vivência, inclusive por outras mulheres lésbicas e demais sujeitos do segmento LGBTQIA+³. O estereótipo criado da lésbica que usa roupas andróginas, cabelo curtinho e é sexualmente “ativa” na relação erótica contraposto à lésbica “feminina”, que tem uma visual que marca a invisibilidade lésbica, posto não ser identificada como aquela e ouve de pessoas, não só homens que:” Nossa, você tão bonita, nem parece lésbica” e é relacionada a uma certa passividade sexual, nada mais que uma transposição da compreensão dos papéis de Gênero da Norma Central: A heteronormatividade conjugal e monogâmica.

Acadêmicas anglo-saxãs, radicalizando o feminismo pós-estruturalista com base nos teorizações de Michel Foucault, Jacques Derrida e Jacques Lacan, produzem na área dos Estudos gays e lésbicos uma série de postulados a que denominam Teoria Queer. O termo Queer (usado pejorativamente para referir-se às pessoas de prática homoerótica) pode também ser traduzido por estranho, diferente. Pensar estranho, diferente, ousar ir além da bem comportada moral sexual que usualmente permeia a compreensão das relações homoeróticas é desconstruir o conhecimento produzido sobre o assunto a partir do

3 LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras possíveis vivências da sexualidade.

século XIX, em um sentido derredeano, ou seja, é desconstruir esse discurso como posição política no sentido de apresentar abertura para o outro, ou como traduz Francisco Ortega (2000, p. 55): “A desconstrução seria uma certa experiência do impossível”. Para Derrida (2001), o impossível seria a urgência do instante, causando não imobilismo utópico, mas que possibilita a criticidade, oferece resistência a verdades da ordem do positivo, prontas, acabadas, tautologicamente defendidas assim porque da natureza humana e porque naturais.

Desconstrução, portanto, é um conceito central na teorização Queer, principalmente em se tratando da concepção de sujeito sob a ótica moderna; desconstrói-se, dessa forma, o sujeito cartesiano, já aludido neste texto, o qual encerra, em si, a racionalidade, a fixidez e a consciência norteando-lhe as ações, tornando-o soberano de sua existência.

De acordo com Stuart Hall (2002, p. 36), o marxismo e a psicanálise freudiana produziram descentramentos nesse sujeito. Com Karl Marx vem a constatação de que o ser humano faz história a partir das condições que lhe são dadas, pois é dependente do contexto histórico em que se insere. Na perspectiva psicanalítica tem-se a descoberta do inconsciente que, grosso modo, determina a estrutura do desejo sexual, funcionando com uma lógica muito diferente da razão: “arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o penso, ‘logo existo’, do sujeito de Descartes” (Stuart Hall, 2002, p. 37).

Neste contexto, surge o sujeito sociológico, que tanto recebe influência dos grupos sociais a que pertence; como, também influencia na organização desses grupos. Seria uma relação interativa, sujeito x meio social. Nesta perspectiva, embora haja o reconhecimento das influências exteriores na conformação do eu, o indivíduo ainda retém um certo núcleo consciente, racional, que dialoga com o social.

Neste trabalho adoto a concepção de pós-modernidade por concordar com os argumentos de autores como Lyotard (1979) Stuart Hall (2001), David Lyon (1998), Perry Andersom (1999) Linda Hutcheon (1991), dentre outros/as; que defendem este conceito, principalmente em relação à concepção de sujeito pós-moderno, o qual se define como produzido na discursividade; nômade em suas identidades, esse sujeito “não é o centro da ação social”, afiança Tomaz Tadeu da Silva (2002, p. 113), “ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e

produzido”, arremata. É a partir dessa concepção de sujeito que os postulados Queer se estruturam.

O objetivo da teoria Queer é o de problematizar e complicar a temática da identidade sexual, pois, até então, os estudos e reivindicações do movimento gay/lésbico pretendiam buscar aceitação social de suas práticas sexuais, sem questionar o núcleo central: a política de identidades que sustenta o binarismo heterossexualidade x homossexualidade. Ao contrário de questionar a heteronormatividade compulsória, o movimento LGBTQIA+ assume o discurso moderno sobre a existência de sexualidades desviantes ou periféricas. A teoria Queer propõe o caminho inverso: Denuncia a artificialidade dessa divisão, postula que não há um núcleo central, essencial, definidor de uma identidade estática, cristalizada, mas sim possibilidades identificatórias, extremamente fluidas, de ordem contingencial (Deborah Britzman, 1996; Judith Butler, 1987, 1998, 1999a, 1999b, 2003; Jeffrey Weeks, 1999; Sandra Harding, 1993; Tomás Tadeu da Silva, 2002, 2010; Guacira Lopes Louro 1995, 1999, 2001a, 2001b, 2001c).

Judith Butler (1999, p. 167) diz que “na teoria do ato da fala, um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que nomeia”; no entanto, esta autora postula que a mesma eficácia que garante atos performativos possibilita a interrupção da repetição de identidades hegemônicas pela ruptura, questionamento e contestação, o que geram outras performances e o cruzamento constante de fronteiras. Chris Beasley (1999) afiança que:

Butler recommend, in common with Foucault, a desegregation of sexual categories and their heterosexist binary organization on the basis that the sexed body cannot be located outside of discursive framework: The body's sexuality and the direction of its desires are constructions within the frameworks (CHRIS BEASLEY, 1999, p.96)⁴.

Essa desconstrução deve ir além das relações de gênero usuais (Homem x Mulher) e estender-se às mulheres de vivência lésbica e toda a cartografia que existe em seu entorno.

4 Butler aconselha, em comum com Foucault, uma desagregação de categorias sexuais e sua organização binária heterossexista, com base no fato de que o corpo sexualizado não pode ser estabelecido fora das estruturas discursivas: a sexualidade do corpo e a direção dos seus desejos são construções dentro destas estruturas (Tradução livre).

Resultados e discussão

Ao optar por uma autobiografia compreendo que enveredo por uma forma nova e situada de produzir conhecimento científico, todavia como afiança AndreaAlliaud (2006):

La autobiografía como instrumento y la perspectiva biográfico-narrativa como método y enfoque de abordaje, resultaron herramientas compatibles con nuestra preocupación acerca del carácter constructivo-creativo con el que nos interesaba abordar los recuerdos escolares de los maestros. (...) Las autobiografías expresan algo más que hechos, acontecimientos o descripciones de la vida. Otorgan sentido. Constituyen formas de expresión y creación de sujetos, social e históricamente situados (ANDREAALLIAUD, 2006, p.10).

Certamente que um dos questionamentos que inicialmente vêm à tona é: É possível haver objetividade e cientificidade num relato autobiográfico? Ao se falar em objetividade e cientificidade refere-se a alguém que atua e escreve independentemente de seus sentimentos ou opiniões próprias; tal maneira de pensar ciência advém do paradigma positivista, esclareço então, que esse trabalho ampara-se paradigmaticamente no pensamento da Complexidade o qual compreende que o ser humano, a sociedade constituem-se de sistemas abertos de trocas e as fronteiras entre “exterior” e “interior” são pouco nítidas. De modo que sob uma perspectiva epistemológica do Pós-Estruturalismo há uma recusa em aceitar o cogito cartesiano uma existência axiológica e advoga-se uma compreensão da realidade enquanto construção sócio-cultural.

Isso posto, vejo que eu ao romper com um modelo de vida heteronormativo, e sair de um casamento “adequado e estável” com um médico pequeno-burguês e assumir uma vivência lésbica, rompi com estruturas sociais bastante rígidas e vivenciei situações de exclusão social e discriminação que longe de fazer desse relato, algo piégas, corroborou para me imiscuir numa vivência de prática de liberdade foucaultianamente falando.

Ser mãe (agora avó também), ter uma aparência muito feminina e estabelecer relacionamentos homoafetivos em que os papéis de

*Butch*⁵ e *Femme*⁶ não correspondiam exatamente à minha constituição corporal fez-me ser questionada mesmo em meio ao mundo LGBT. É relevante destacar que a narrativa de si pode representar uma oportunidade crítica-reflexiva sobre de como nos constituímos sujeitos.

Contudo, como afiança Judith Butler (2017, p. 214): “Significativamente, tanto o corpo sexuado como ‘fundo’ quanto a identidade *Butch* ou *Femme* como ‘figura’ podem deslocar-se, inverter-se e criar uma confusão erótica de vários tipos”, de modo que muitas vezes o horizonte LGBTQIA+ deixa-se guiar pelas visões da heteronormatividade em que as performances coporais ditam e “encaixam” pessoas no jogo dos significantes do que é ser “masculino” e “feminino”, fato que até certo ponto é compreensível posto que a heteronormatividade enquanto dispositivo de poder disciplinar encontra-se arraigada nos constructos de vida desses sujeitos.

Romper não apenas com um casamento heteronormativo, mas desconstruir essa possível “essência de feminilidade” teve um investimento social e pessoal significativo, mas que resultou numa estética da existência satisfatória e libertária.

Considerações finais

Constata-se ,pois, que a desconstrução de uma compreensão de identidade sexual e de gênero enquanto processos da ordem do biológico é necessária e que a vivência lésbica abriga em si muitas e diversas possibilidades que vão além do binarismo Masculino X Feminino, apresentando outras e variadas possibilidades performativas no tocante aos constructos de gênero e vivência sexual. Aparências de *Butch* e *Femme* em nada determina as vivências sexuais que essas pessoas se envolvem , fugindo à norma heterossexual e seus constructos performáticos.

5 Termo reservado à lésbica supostamente ativa e quem tem um visual mais andrógino e/ou masculinizado.

6 Diz-se da lésbica de aparência mais “feminina” e que supostamente tem uma performance sexual mais “passiva”.

Referências

ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEASLEY, Chris (1999). What is feminism? In: _____. **Na introduction to feminist theory**. London, Thousand Oaks, New Delhi. SAGE Publication.

ANDREA ALLIAUD. EXPERIENCIA, NARRACIONY FORMACION DOCENTE IN: **Educação e Realidade**, 31 (1): 7-22, Jan/jun., 2006.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. 21 (1): jan./jun, p. 71-76, 1996.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero – Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; DRUCILLA, Cornell (orgs.). **Feminismo como crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

_____. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**. N. 11, p. 11-42, 1998.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. De las categorias del feminismo. In: CARBONELL, Neus; TORRAS, Meri (orgs.). **Feminismos literários**. Madrid: Arco Íris, p. 25-75, 1999.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica**. Horizontes Antropológicos. vol.9 no.19 Porto Alegre July 2003, disponível IN: <http://www.scielo>.

br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100012 ,
Acessado em 28 de dezembro de 2019, as 10:10h.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. 12ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DENZIN, Norman e LINCOLN, Jvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**. Vol. 1 (1), p. 7-31, 1993.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) **Tendências e Impasses – o Feminismo como crítico da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, Alfredo (org.) **Crítica Pós-Estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____ (org.) Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Teoria Queer** – uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas. vol. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **Gênero: questões para a educação**. Seminário Estudos de Gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. São Paulo: ITU, abril, 2001.

LYON, David. **Pós-Modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a Civilização**. 8. ed. São Paulo: LTC, 1981.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política de amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

REICH, Wilhelm. **Psicologia das massas do fascismo**. 2ª ED brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de mulheres**. 1975, Disponível IN: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740519/mod_resource/content/1/Gayle%20Rubin_trafico_texto%20traduzido%20%286%29.pdf, Acessado em 17 de dezembro de 2019, às 09h40min.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul. Dez, 1990.

SILVA, Tomás Tadeu (org.). **Identidade e Diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo**. 3º Edição. Editora Autêntica. 2010.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.